

1

UMA SEGUNDA NARRATIVA

Atos 1.1-3



Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar até ao dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas. A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus (At 1.1-3).

Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído (Lc 1.1-4).

Durante a era apostólica os livros não eram impressos com equipamentos tais como usamos hoje. Os livros eram escritos à mão, usualmente em pergaminhos feitos de papiro. Na antiguidade, o tamanho padrão de um livro escrito dessa forma era de cerca de 10 metros de comprimento. Os pergaminhos eram então enrolados e preservados cuidadosamente, depois de lidos e passados de igreja a igreja.

Visão geral de Atos

Inicialmente, Lucas escreveu dois volumes em rolos separados, um, o relato do evangelho de Cristo, e o segundo, o livro de Atos, dando sequência ao primeiro. Muito cedo, tornou-se prática da igreja reunir os quatro esboços biográficos de Jesus, os quais denominamos os quatro Evangelhos, e mantê-los juntos na igreja para serem lidos e estudados. Como resultado, o Evangelho de Lucas foi separado do seu segundo volume, o livro de Atos. Algumas vezes, esses dois livros juntos são chamados de Lucas-Atos.

Foi na igreja primitiva que essa segunda parte dos escritos de Lucas recebeu o título de “Atos dos Apóstolos”. Alguns viram o livro como sendo uma defesa elaborada da vida e ministério do apóstolo Paulo, e por isso, pensaram que ele deveria ser chamado de “Atos do Apóstolo Paulo”. No entanto, Paulo não aparece até Atos 7, como veremos. Há também uma ênfase nos fatos relacionados com a igreja em Jerusalém e aos ministérios de Pedro, João, Estevão, Filipe e outros. Portanto, seria um equívoco chamar o livro de “Os Atos do Apóstolo Paulo”, embora ele apareça como a figura central.

Lucas não se identifica como o autor, mas se olharmos cuidadosamente para as citações “nós” nas viagens missionárias de Paulo, constatamos que Lucas estava naquele grupo de homens, com Paulo. Quando se expressa em termos de “nós”, refere-se a si mesmo como escritor do livro, ficando fácil deduzir, como a igreja o fez, que Lucas de fato foi o autor de ambos, do Evangelho atribuído a ele e do livro de Atos.

Um título alternativo que poderia ser dado ao livro, o qual eu prefiro, é “A História dos Atos do Espírito Santo”. Já que foi inspirado pelo Espírito Santo e é um registro do derramamento do Espírito Santo na igreja apostólica, e no ministério daquela igreja, ele até poderia ser chamado de “A Autobiografia do Espírito Santo”. De qualquer forma, enquanto caminhamos através da narrativa, não omitamos o poder e a presença da terceira pessoa da Trindade, a qual Jesus havia prometido tão profunda e intensamente no discurso do Cenáculo, registrado no Evangelho de João.

Certas similaridades existem entre o prólogo do Evangelho de Lucas e o de Atos. Ambos os volumes são dedicados a uma pessoa chamada Teófilo. O nome Teófilo, se o dividirmos morfológicamente, significa “amigo ou amante de Deus”. *Phileo* é uma palavra grega significando “amar”, e *theos* é a palavra grega para “Deus”. Teófilo também pode significar “alguém que é amado por Deus”. Assim, o nome pode significar tanto “alguém que ama a Deus” ou “alguém que é amado por Deus”.

Considerando que o nome engloba tanto o conceito de ser um amante de Deus ou de alguém amado por Deus, muitos têm acreditado que o livro não é endereçado a uma pessoa específica, mas a todos os que são amados por Deus ou aos amantes de Deus. O argumento contra isso, contudo, é a inclusão do título “excelentíssimo” no prólogo de Lucas. Isso é significativo porque, no mundo antigo, muitas vezes as principais publicações eram dedicadas aos membros da nobreza, e estes eram muitas vezes agraciados com títulos como “excelentíssimo”. Visto que o Evangelho de Lucas é endereçado não somente a algum Teófilo, mas ao excelentíssimo Teófilo, muitos concluem que o livro é atribuído talvez a um cristão em alta posição na Antiguidade o qual era piedoso como seu nome sugere. No entanto, na última parte do 1º século e no 2º, era comum aos apologistas cristãos apresentarem suas defesas da fé cristã ao imperador de Roma.

Há algo mais a se notar, brevemente, sobre o livro de Atos. O livro é uma obra apologética, uma defesa das reivindicações das verdades da fé cristã. Juntamente com isso, possivelmente, é uma defesa importantíssima da autenticidade da autoridade apostólica e do ofício de Paulo, por não ser ele um dos 12 apóstolos originais. O livro repete o relato do chamado de Paulo e sua conversão na estrada de Damasco por três vezes, o que garante mais e maior credibilidade a esse a quem o Senhor deu uma missão apostólica aos gentios. Veremos mais sobre o assunto quando o encontrarmos ocasionalmente no próprio texto.

Lucas, o historiador

Lucas sabia que outros haviam empreendido a tarefa de escrever a história dos fatos transcorridos na vida de Jesus:

Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído (Lc 1.1-4).

Lucas, o médico amado, era um homem culto. Seu grego é um dos mais refinados, em termos de qualidade literária, encontrados no Novo Testamento. Ele dá provas de suas credenciais acadêmicas. Ele escreve não somente como crente, mas como um historiador, basicamente dizendo, “Tenho grande cuidado ao reconstituir a história desde o princípio, desde aqueles

que estavam lá, para incluir em meu relato coisas que tanto eu como outras pessoas viram, às quais eu entrevistei”. Através do Evangelho de Lucas extraímos mais informações sobre o nascimento de Jesus do que de qualquer outra fonte. De acordo com a tradição, Lucas entrevistou pessoalmente a Maria, mãe de Jesus, para obter dela sua visão pessoal sobre todos os eventos envolvendo a anunciação e a Natividade.

Do ponto de vista do século 21, para nosso conhecimento da antiguidade, dependemos de historiadores que escreveram a história daquela época. Olhamos para Tácito, Heródoto, Suetônio e para o historiador judeu Josefo. Todos esses grandes historiadores do mundo antigo foram submetidos ao mais rigoroso escrutínio da crítica erudita. Isso não é menos verdade em relação aos escritores dos Evangelhos. Porque Lucas escreveu igualmente um Evangelho e uma história da missão apostólica da igreja primitiva indo para as terras dos gentios, há uma impressão de que seu trabalho tem sido submetido a exame mais minucioso, visto de uma perspectiva secular, do que qualquer outro biógrafo bíblico.

Creio que as Escrituras são a pura Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo, infalível, inerrante em tudo o que diz. Não necessito da verificação de um arqueólogo secular para me convencer de que essa é a Palavra de Deus, mas (apenas como um aparte, de uma perspectiva secular) Lucas tem sido respeitado como o historiador mais preciso do mundo antigo. Ele goza de uma reputação mais elevada do que Suetônio, Heródoto, Tácito, Plínio, Josefo, ou qualquer um dos demais. Seu trabalho tem sido cuidadosamente examinado, mais do que o de qualquer outro.

Como podemos verificar a exatidão de Lucas sob o ponto de vista do século 21? Quando ele fala sobre a aparição de um anjo chamado Gabriel a Zacarias ou a Maria, é difícil comprovar esse argumento através das estruturas normais de investigação científica. A menos que encontrássemos um par petrificado de asas de anjo, não seremos capazes de fazê-lo. Mas há muitas coisas que fazem parte dessa narrativa que podem ser verificadas, isto é, podem ser comprovadas ou refutadas por exames arqueológicos.

No começo do século 20, um estudioso britânico chamado William Mitchell Ramsay, um cético sobre o cristianismo, rastreou as viagens missionárias do apóstolo Paulo como registradas no livro de Atos. Ele procurou por evidências na paisagem e nas ruínas e nos títulos dos legisladores ou magistrados locais, nas cidades estrangeiras que não eram do conhecimento comum às pessoas que moravam em Jerusalém. Ramsay começou como um cético e terminou como um crente porque ficou maravilhado pelas evidências que foi capaz de descobrir. As pedras clamavam que o título de cada magistrado que Lucas registrou no livro de Atos foi comprovado pelas

remexidas das pás. Da mesma forma, a descrição e relatos das cidades eram precisamente como Lucas as havia descrito.

Há, mais ou menos, 25 anos, eu escrevi um romance, e nele incluí um episódio em Tóquio. Eu nunca havia estado em Tóquio, e sabia muito pouco sobre ela, mas tudo que eu tive de fazer foi ir à biblioteca e obter dados para comprovação de diversos nomes de ruas, prédios comerciais importantes e locais de entretenimento. Fui capaz de reconstruir Tóquio numa forma fictícia, sem o sentimento de que pudesse ser surpreendido em imprecisões na descrição do cenário local. Hoje, com a Internet, escrever aquele romance seria até mais fácil. Nele eu também escrevi uma cena de detetive policial. Chamei alguém do FBI para me fornecer informações básicas, e ele me explicou como funciona a organização. Lucas não possuía tais vantagens. Ele não tinha nem biblioteca ou Internet para saber como as coisas eram em Filipos ou Colossos, ou Corinto, ou Éfeso, no entanto, o retrato que ele dá desses locais tem sido confirmado repetidas vezes. Menciono isso porque Lucas chama a atenção, no princípio do seu Evangelho e no início de Atos, que não estava escrevendo um folheto evangelístico; estava escrevendo história, a qual havia sido confirmada por testemunhas oculares e pelo que chama em seu prólogo de Atos de “muitas provas incontestáveis”.

O objetivo de Lucas

“Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar até ao dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas” (v. 1-2). Na conversão de Paulo, depois de ter sido jogado ao chão e cegado pela luz e ter ouvido uma voz que o chamava, Paulo perguntou a Cristo, “(...) que farei, Senhor?” (At 22.10). Anos mais tarde, quando Paulo estava em julgamento perante o rei Agripa, em cadeias, e proferiu uma defesa de seu ministério, contou novamente essa história de sua conversão. Numa ocasião, Agripa disse a Paulo, “Por pouco me persuades a me fazer cristão” (At 26.28). Paulo respondeu, “Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias” (v. 29). Enquanto fazia Paulo sua defesa, Festo interrompeu e disse: “Estás louco, Paulo! As muitas letras te fazem delirar!” (v. 24), e Paulo replicou, “Não estou louco, ó excelentíssimo Festo! Pelo contrário, digo palavras de verdade e de bom senso” (v. 25). Nessa ocasião, no meio da discussão, disse ao rei, “Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial” (At 26.19).

No final de minha vida, eu amaria comparecer perante Cristo e dizer, “Senhor, eu não fui desobediente. Fiz tudo que o Senhor me disse. Fui a todos os lugares que me ordenaste”. O Senhor e eu ambos sabemos que não será real, então seria tolice reivindicar isso, mas o mesmo era verdadeiro sobre Paulo. A vida e o ministério de Paulo são o paradigma de obediência na igreja apostólica. Ele realmente fez o que Cristo lhe ordenou fazer.

O objetivo de Lucas não era somente confirmar que Paulo fora obediente à visão celestial, mas lembrar a seus leitores os mandamentos dados por Jesus pouco antes de sua ascensão. O que se segue no restante de Atos é um drama da mais alta magnitude – o drama da obediência da igreja primitiva à missão que Cristo lhe dera. Temos um registro da comunidade apostólica original. Podemos ser tentados a experimentar ler Atos como a história do cristianismo em sua perfeição, mas se lermos as epístolas do Novo Testamento, sabemos que a igreja primitiva não era nada perfeita. A maioria das cartas apostólicas foram escritas para corrigir erros, heresias, abusos e comportamento desobediente entre as pessoas nos primórdios da igreja. Essa igreja não era de nenhum modo perfeita, mas seu estudo é de vital importância por causa de sua proximidade com a fundação da igreja cristã.

Anos atrás eu envolvi-me numa controvérsia sobre a doutrina da justificação somente pela fé, uma controvérsia que nunca morre. Durante um encontro de teólogos, alguém estava defendendo a doutrina Reformada da justificação, quando outra pessoa lhe disse: “Bem, Lutero poderia estar certo no século 16, mas isso não tem mais relevância”. Outro teólogo respondeu, “Não estou interessado na defesa do evangelho do século 16, o que me preocupa é o evangelho do 1º século”. Devemos retornar à fundação da igreja cristã, à pureza do evangelho como ela foi estabelecida pelos apóstolos, de forma que pudéssemos estudá-la naquela situação. Isso é o que Lucas estava fazendo, dando-nos um relato da obediência aos mandamentos por parte dos apóstolos escolhidos por Cristo.

“A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus” (v. 3). O prólogo atua como um prefácio, e o prefácio nos apresenta a extensão desejada pelo autor, das coisas que vai selecionar da narrativa da igreja nascente. Através do restante do livro ele fala sobre o testemunho apostólico para o reino de Deus. O tema de Atos é este: a obediência da igreja à comissão e mandamento de Cristo de ser suas testemunhas, testemunhas do Rei elevado às alturas, do Rei dos reis e do Senhor dos senhores. Se você quer saber por que a igreja do 1º século transtornou o mundo e por que nós não o fazemos, é porque pregavam o reino de Deus, e nós não. Eles acreditavam

que o reino explodiu em poder com a vinda do Rei, que entrou em cena depois de João Batista, o precursor, que disse: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mt 3.2). Jesus veio, dizendo, “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1.15), e, “Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente, é chegado o reino de Deus sobre vós” (Lc 11.20).

Um novo capítulo inteiro da história do mundo começa com o ministério de Cristo e com sua ascensão à mão direita do Pai, onde ele está entronizado como Rei. Uma das piores distorções teológicas que aflige o mundo evangélico é a ideia de que o reino de Deus é algo completamente futuro. Essa visão destrói totalmente a evidência bíblica da abertura do reino de Deus no ministério de Jesus, especialmente em sua ascensão. Sim, a consumação do reino ainda se dará no futuro, mas a realidade do reino é agora. A missão da igreja primitiva era testemunhar a realidade desse reino em Jerusalém, Judeia, Samaria, e aos confins da terra.